



CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, SEGUNDA-FEIRA, 26 DE JANEIRO DE 2015

NÚMERO 18.872 • 42 PÁGINAS • R\$ 2,00



O adeus ao humanista Campos da Paz

Fundador da Rede Sarah, o ortopedista Aloysio Campos da Paz Júnior morreu ontem, aos 80 anos, por insuficiência respiratória. Deixa como legado a prova de que a saúde pública pode funcionar de forma exemplar, a ponto de se tornar referência mundial em reabilitação. Em nota, a presidente Dilma Rousseff (PT) disse que o Brasil e a medicina são devedores da dedicação e da determinação do médico. O Governo do Distrito Federal decretou luto oficial de três dias. O velório ocorre a partir das 10h, no hall do teatro Sarah, na Asa Sul.

PÁGINAS 15 A 19

A corrida pelos votos dos infieis na Câmara

Na reta final da campanha, candidatos brigam pela preferência de 91 deputados indecisos ou dispostos a trair a orientação do próprio partido.

PÁGINA 2

O que vem por aí com a união entre Cuba e EUA

Após mais de seis décadas de embargo dos norte-americanos sobre a ilha, governantes e analistas avaliam as novas possibilidades com a reaproximação.

PÁGINA 10

Ana Rayssa/Esp. CB/D.A Press



Por respeito aos ciclistas

Protesto por atropelamento de Edimar Gomes, que pedalava quando foi atingido por um carro trafegando em zigue-zague, reúne cerca de 500 pessoas no Gama e retoma discussão sobre campanhas educativas.

PÁGINA 20

Aulas de colégios particulares voltam hoje

Cem mil alunos dos ensinos fundamental e médio de instituições de ensino privadas do Distrito Federal retornam às salas de aula. Batalhão Escolar estará nas ruas com 300 militares para cuidar do trânsito e conversar com pais e estudantes sobre bullying, violência e drogas.

PÁGINA 21

Detalhes de uma tragédia anunciada

O desastre que matou pai e quatro filhos na BR-070 trouxe à tona a história de um relacionamento conturbado, com brigas constantes entre o casal.

PÁGINA 20

MINISSÉRIE COMEÇA HOJE COM BRASÍLIA COMO CENÁRIO

DIVERSÃO & ARTE, CAPA

FLAMENGO VENCE SÃO PAULO E LEVA PRIMEIRA TAÇA DO ANO

PÁGINA 24

NA ESTREIA DO CANDANGÃO, JOGO TERMINA EM UM MINUTO

PÁGINA 25





O CRIADOR DO SARAH/ Aloysio Campos da Paz não tinha interesse apenas na medicina. Ele velejava, tocava trompete e tinha paixão por fotografia. Dono de um fascinante acervo, com mais de 4 mil imagens, registrou o dia a dia da cidade

Um olhar privilegiado

» CRISTINE GENTIL

Uma fotografia conta uma história. O que dizer, então, de um acervo fotográfico de 4 mil imagens? Certamente, elas sugerem uma vida. Momentos únicos; instantes mágicos capturados com a ajuda de técnica, senso estético e um pouquinho de sorte; registros com força de uma biografia.

Durante mais de seis décadas, o médico Aloysio Campos da Paz Júnior, fundador da Rede SARAH, transitou por dois mundos com uma máquina fotográfica sempre a tiracolo. Por hobby, fotografou suas viagens, seus parentes, seus amigos. Monumentos, paisagens, cenas inusitadas, os costumes do Brasil e do mundo. Por ofício, documentou, digitalizou e arquivou mais de 13 mil fotos, feitas por ele, por fotógrafos contratados e por outros profissionais do hospital. Mostram cirurgias, a evolução dos tratamentos, estudos

de caso, em última instância, contam milhares de histórias de reabilitação.

O apreço pela fotografia não foi obra do acaso. Desde os 14 anos, quando ganhou do pai sua primeira câmera, uma Voigtlander, empenhou-se para se aprofundar na técnica e na história. Nunca fez cursos, mas leu tudo a respeito. Viu mais ainda. Conhecia a obra de grandes fotógrafos, fontes permanentes de inspiração, como Henri Cartier-Bresson, considerado por muitos o pai do fotojornalismo, o norte-americano André Kertész e o brasileiro Sebastião Salgado.

Sempre teve a consciência da força de uma imagem. Diante dela, é capaz de deitar-se no chão — “Perco a máquina, mas não perco essa foto”, pensou, quando viu a tempestade formada sobre o Lago Paranoá. Também esperou por até seis horas para captar os raios de sol numa igreja em Roma. Essas e mais algumas fotografias você vê nesta página.

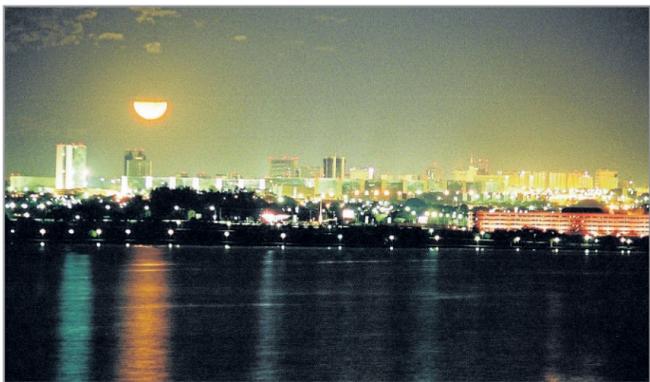


Para registrar essa tempestade no Lago Paranoá, dr. Campos contou que caiu no chão de barriga. “Perco a máquina, mas não perco a foto”, disse ao Correio. Ele era velejador desde os 17 anos. Adorava o lago

O registro do grande legado, o hospital Sarah, hoje uma rede com 8 unidades



Dr. Campos dizia que o céu de Brasília combina com fotografia. “Isso era um show de rock que teve na Torre, quando ela ainda não tinha virado aquela favela. Tinha o restaurante, não era detonada. Achei bonito aquelas pombas voando, aquela barulheira...”, contou sobre essa foto



“Essa foi na sorte, taquei uma teleobjetiva 300 e fotometrei a Lua e troquei por uma lente de 50, usando a mesma abertura e velocidade. Acabou dando certo”, disse Campos da Paz



Dr. Campos da Paz tinha carinho especial por essa foto, que registra um flagrante de amor em meio ao dia a dia de reabilitação. Foi publicada na contracapa do livro *Percorrendo memórias*



“Cheguei nessa catedral, em Roma, e vi um raio de sol entrando. Pensei: ‘São tantas janelas... Vão entrar mais raios’. Fiquei umas seis horas ali, até que entraram três raios e consegui fazer essa foto. Às vezes, tem que esperar o momento”



Escultura do Mestre Vitalino: Campos da Paz era um amante das artes e das coisas do Brasil. Sobre essa foto, disse: “Me lembro de meu pai na antiga estação da Central do Brasil levando-me para ver as locomotivas brilhantes pintadas de vermelho e preto”.



“Essa foto, eu gosto por causa da simetria. As pessoas observam pouco isso nas obras do Oscar (Niemeyer). Estava passeando, parei, subi na rampa, o pessoal começou a reclamar... Mas fiz a foto”, lembra



Foto feita nos anos 1960 com uma Exakta. A Catedral ainda não tinha os vitrais. Diante da imagem, ele relembra uma frase de Niemeyer. “Oscar dizia: ‘você nunca deve vestir uma mulher bonita’. Essa frase podia ser aplicada à Catedral. Ela era mais bonita assim”, acreditava

MATÉRIA PUBLICADA EM OUTUBRO DE 2012.





O CRIADOR DO SARAH/ Dr. Campos não se esquivava de emitir opiniões. Defendia suas crenças sem temer julgamentos, mesmo que isso incomodasse a classe médica ou os governantes. Conheça o que pensava o ortopedista sobre política, corporativismo e Brasília

Um médico de personalidade

» FLÁVIA DUARTE

Edilson Rodrigues/CB/D.A Press-7/4/10

"A frase 'a medicina é direito de todos e dever do estado' é minha. Quando foi escrita a Constituição de 1988, fiz parte da Comissão Afonso Arinos. Eu, Ivo Pitanguy e Adib Jatene, entre médicos de outras áreas, colocamos na nossa proposta a lógica de que o que fosse público era financiado pelo Estado e o que era privado corria o risco do capital."

Com esse propósito, Aloysio Campos da Paz norteou sua vida profissional: oferecer saúde de qualidade e gratuita a toda população. Defendia suas crenças com veemência, sem temer julgamentos. Por vezes, arriscou-se a generalizar a classe médica, com predicações que não soava muito bem a quem era tido como "burro" ou "mercenário" por ele. Mas pensava em fazer medicina como quem comanda um estado. "O que se espera de um médico é ele ser bem comportado, dizer coisas que ninguém consegue entender e não ter uma posição política em relação aos problemas do país. Sempre tive uma preocupação social com o meu trabalho, muito mais do que o desejo de obter sucesso. Sempre pensei em construir um espaço para realizar um objetivo."



O médico se opunha firmemente ao que chamava de "mercantilização da medicina"; criticava o corporativismo médico; lamentava que a saúde no Brasil fosse sinônimo de gerar doenças para que ao final se convertesse em lucros. Nem Hipócrates, considerado pai da medicina, saiu ileso a seu julgamento: "Hipócrates era um cara gozado, dizia um monte de besteiras, mas como foi o primeiro a dizer, ficou famoso".

Determinação

Campos da Paz era direto e preciso no discurso de que, para mudar o sistema público de saúde no país, era só querer e saber administrar. Também, garantia, era preciso mudar a mentalidade de quem ditava as regras. E ninguém podia acusá-lo de que não seguia os próprios conselhos. Prova disso é a Rede Sarah, que ergueu e se tornou um modelo hospitalar para cuidar de doenças do sistema locomotor, referência em todo o mundo.

Em um compilado de frases de sua autoria, é possível conhecer melhor um pouco da personalidade desse carioca, que amava Brasília e a adotou como sua terra. Uma cidade, segundo ele, pensada "de forma socialista", assim como a Rede Sarah.

»» Medicina x política

Para Campos da Paz, não havia como dissociar a medicina da política. Neto de comunista e de família de militares, ele acreditou em um modelo de serviço de saúde que tem a ver com o socialismo, em que todos poderiam usufruir de um atendimento de qualidade sem pagar por isso além de impostos. Ele se definia ideologicamente como de esquerda, "mas não essa esquerda burra", como fazia questão de esclarecer.



O médico trabalha para o Estado e para a iniciativa privada. Aí, implode o hospital público para transferir para o hospital privado, para obter lucros. O recurso que financia a Rede Sarah vem da mesma fonte que financia o serviço privado no país"



A única solução para uma correta assistência médica é o resgate pela União de uma rede de hospitais públicos que seja objeto de investimentos"



»» Corporativismo

Para o médico, faltava, muitas vezes, compromisso da classe com o paciente. O que se considera em primeiro lugar são os ganhos, mesmo que para isso a vida do outro seja colocada em risco.



A medicina se organizou de forma corporativa com conselhos e mecanismos de proteção, que protegem o médico, mas não o doente. E cada vez mais conflitam a medicina com a sociedade"



As raízes do corporativismo no Brasil estão profundamente ligadas a uma relação cínica que, no final das contas, gerou o acordo: você finge que trabalha e eu finjo que lhe pago..."



»» Saúde para todos

O seu modelo de hospital previa atendimento indiscriminado.



Um hospital desse porte que atende ao cidadão mais pobre ao de maior renda per capita do país, de graça, sobretudo quando você atende uma pessoa com grande poder econômico, e atende bem, contraria interesses econômicos. A indústria médica e os planos de saúde, que deturpam a assistência médica no mundo todo, não gostam desse tipo de atendimento"



Sempre tive a consciência de que não podia tratar a pessoa em função do poder dela porque o poder é extemporâneo, tenho que tratar como uma pessoa que precisa de mim"



»» Mercantilização

Segundo ele, um dos gargalos do sistema público de saúde estava no pagamento por produtividade. Isso transforma o atendimento médico em uma mercadoria, e quanto mais se faz, mais se ganha.



A grande distorção que ocorre na medicina é a confusão entre o setor produtivo e o de serviço: você ganha pela quantidade, não pela qualidade ou pelo envolvimento"



No Brasil, a adoção do 'pagamento por procedimento' foi uma estratégia salarial que visava manter o médico no hospital público, como se em seu consultório estivesse"



»» Visão humanista

Nada mais vale no trabalho do médico que não seja o bem-estar do paciente, acreditava Campos da Paz.



O médico tem que gostar da pessoa e ela do médico. Médicos antigos diziam que se você não foi com a cara do doente, manda ele para o teu inimigo porque você não vai acertar"



O que ensinamos de mais importante aqui é o processo de humanização. Alguém com domínio da técnica sem uma visão humanista torna-se uma pessoa perigosa"



O grande erro da medicina é que ela avalia as pessoas pelo que elas perderam e não pelo que restou. Tem que investir no que ficou"



»» Brasília

Ele chegou à capital em 1959 e não mais deixou o Planalto Central. Velejador desde os 17 anos, tinha apreço especial pelo Lago Paranoá, onde era possível ver o pôr do sol e o nascer da lua em ritmo compassado.



Brasília é a única que tem um lago, mas está virada de costas para ele. O Lago Sul foi invadido. Isso bloqueou o acesso ao lago à grande maioria da população"



O significado de Brasília foi esse: o Brasil dava as costas para o Brasil. Brasília obrigou o Brasil a se interiorizar, foi esse o grande significado dela, a conquista do país"



CRIADOR DO SARAH/ A morte do cirurgião consternou personalidades. Todas exaltaram a importância dele para a medicina e a saúde pública. Em nota, Dilma destacou a fé de Campos da Paz no potencial das pessoas. O governador Rollemberg decretou luto oficial de três dias

Lamento de amigos e políticos

» ARTHUR PAGANINI
» RAFAEL CAMPOS

A morte do médico Aloysio Campos da Paz Júnior causou comoção entre políticos de todo o país e entre os pioneiros de Brasília. A presidente da República, Dilma Rousseff, lamentou o episódio. Por meio de rede social, ela afirmou ter recebido a notícia com muita tristeza. Dilma destacou que a filosofia de Campos da Paz era de “trabalhar para que cada paciente fosse tratado com base no seu potencial, não nas suas dificuldades”. “Foi com fé na potencialidade de cada paciente que a Rede Sarah ajudou a melhorar a qualidade de vida de milhares de brasileiros”, afirmou. A nota também foi publicada no site do Palácio do Planalto.

O governador do DF, Rodrigo Rollemberg (PSB), destacou a dedicação de Campos à medicina e à recuperação dos seus pacientes. “Campos da Paz era um desses homens de talento raro. Para nossa sorte, foi um grande formador de profissionais brilhantes, o que garantirá a continuação da excelência de sua obra”, disse em nota. Rollemberg decretou luto oficial por três dias.

Amigo pessoal de Aloysio Campos da Paz, o ex-presidente da República José Sarney disse, em nota, que o Brasil perdeu um dos maiores homens do nosso tempo. “Sua extraordinária obra à frente do Hospital Sarah, por ele fundado, não só salvou milhares de vidas, como também gerou uma rede de hospitais no Brasil inteiro, formando equipes e criando métodos de administração hospitalar, granjeando um prestígio que o coloca entre os grandes nomes da medicina brasileira em todos os tempos.”

Para Sarney, a perda é irreparável. “Acompanhei sua obra desde o princípio, há 40 anos, como conselheiro representante da Comunidade no Sarah e testemunhando sua dedicação e valor. Estou profundamente ferido, pessoalmente, como seu amigo e como cidadão, na admiração que tinha por ele e pelo testemunho do seu trabalho e do seu valor.”

Para o ministro aposentado do Tribunal de Contas da União (TCU) e atual presidente do Conselho de Administração da Rede Sarah, Carlos Átila, Aloysio Campos da Paz deixa um legado para a saúde pública brasileira. Amigos desde o fim da década de 1970, Carlos Átila viu o hospital surgir. “O Aloysio trouxe conceitos inovadores em termos de organização médico-hospitalar para a rede pública. Ele desenvolveu a ideia de criar uma instituição inteiramente dedicada a prestar assistência médica de forma gratuita.”

O futuro

Para Átila, toda a Rede Sarah é prova da persistência e da dedicação de Aloysio Campos da Paz. “A grande diferença do Campos da Paz foi a forma como ele dedicou à rede pública. Ele fechou as portas do seu consultório particular para dirigir o Sarah. Para ele, não poderia existir um médico da rede pública que não tivesse dedicação integral.”

Sobre o futuro da instituição, ele afirma não haver o que temer. Ao elogiar o trabalho da dra. Lúcia Willadino Braga, atual diretora da rede, Átila assegura que a estrutura montada por Campos da Paz é totalmente estruturada. “Nesses quase 40 anos, ele construiu uma equipe. Isso faz com que estejamos consolidadíssimos e com total apoio do Poder Público. Todos os governos apoiaram a rede, independentemente de partidos. Ele criou uma instituição e ela vai se manter apoiada nessas pessoas que ele escolheu para montar a equipe.”

“Uma grande perda para a medicina e, especialmente, para Brasília. Deixa esse legado de referência internacional”, declarou o vice-presidente do *Correio Braziliense*, Evaristo de Oliveira, ao ser informado da morte de Campos da Paz.

O vice-presidente dos Diários

Edilson Rodrigues/CB/D.A Press - 7/4/10



Utopias transformadas em realidade

A doutora Lúcia Willarindo Braga, diretora da Rede Sarah, conviveu com Campos da Paz durante 38 anos, desde que, ainda estudante de psicologia, apresentou um projeto ao médico e passou a trabalhar no hospital. Para ela, ele era amigo, interlocutor e alguém que lutava para “transformar utopias em realidade”. No sábado, ao saber da piora do dr. Campos, ela apressou a volta para Brasília. Foi uma das últimas a conversar com o médico, no hospital, e esteve com a família o tempo inteiro nos momentos mais difíceis. “Desde que entrei no hospital, sempre tivemos uma relação

muito próxima, porque nós dois somos pessoas muito questionadoras. As pessoas até tinham medo de questioná-lo, mas eu sempre o questioneei. Foi uma relação de troca intelectual, apesar das personalidades muito diferentes. O maior legado que ele deixa é ter provado que é possível fazer no Brasil medicina pública de qualidade, e isso eu sempre preservei na minha gestão na diretoria. Saúde pública igual para todos. Era esse o nosso sonho. Ele sempre tratou a todos com respeito, com dignidade. A gente sabia que um dia ele ia partir, e um dia eu vou partir também, mas tenho certeza que quando for a minha hora, a turma jovem que fica lá também vai ter garra para continuar a nossa luta. O que muda para mim é a saudade do amigo, do interlocutor. Conversávamos todos os dias, ele queria sempre participar das coisas do hospital. Vai ficar o vazio.”



Foi com fé na potencialidade de cada paciente que a Rede Sarah ajudou a melhorar a qualidade de vida de milhares de brasileiros”

Dilma Rousseff,
presidente da República



Estou profundamente ferido, como seu amigo e como cidadão, na admiração que tinha por ele e pelo testemunho do seu trabalho e do seu valor”

José Sarney,
ex-presidente da República



O Aloysio trouxe conceitos inovadores em termos de organização médico-hospitalar para a rede pública desde o início da rede”

Carlos Átila,
presidente do Conselho de Administração da Rede Sarah



Foi um grande formador de profissionais brilhantes, o que garantirá a continuação da excelência de sua obra”

Rodrigo Rollemberg,
governador do DF



Ele foi um homem admirável. Nunca foi um anjinho, mas ninguém consegue fazer coisas boas nesse país sendo anjinho”

Luis Humberto,
arquiteto e amigo pessoal de Campos da Paz

Associados, Ari Cunha, amigo pessoal de Campos, também lamentou o falecimento e enalteceu o legado deixado pelo médico. “Sua morte não desfaz a eficiência da instituição que ele criou. Ele deixa para o Brasil um legado de competência e esforço pelo bem da humanidade”, destacou.

O senador Cristovam Buarque (PDT) recebeu a notícia com pesar. “Nós nos aproximamos quando eu ainda era reitor da Universidade de Brasília. Creio que morreu um dos nomes mais importantes na construção e consolidação de Brasília; alguém que defendeu a verdadeira saúde pública, não necessariamente estatal”, disse.

Roosevelt Dias Beltrão, presidente do Clube dos Pioneiros de Brasília, afirmou que a Ala dos Pioneiros no Cemitério Campo da Esperança está à disposição da família de Campos da Paz. “Teria satisfação em acolher seu corpo na área dos pioneiros. Ele sempre foi muito eficiente no que fez e soube comandar com grande experiência a Rede Sarah. Um grande médico a quem Brasília deve muito em reconhecimento.”

Presidente do Congresso Nacional em 1992, quando foi aprovada a lei que permitiu à Rede Sarah o atendimento médico gratuito por meio de contrato com o Poder Público, o deputado federal Mauro Benevides (PMDB-CE) lamentou a morte de Campos da Paz. “A medicina perde um de seus principais expoentes com prestígio internacional. Dada a

grande abrangência da Rede Sarah, hoje presente em diversos estados, inclusive no Ceará, toda a população deve reconhecer o trabalho e dedicação do Dr. Aloysio. Ele foi uma figura excepcional que prestou relevantes serviços a toda a nação”, disse.

Para o arquiteto, fotógrafo e amigo Luis Humberto, a morte foi uma perda. “Ele foi um homem admirável. Nunca foi um anjinho, mas ninguém consegue fazer coisas boas nesse país sendo anjinho. Ficamos amigos em 1967 e, apesar de muitas pessoas discordarem dele, nunca tive problemas. Para o Brasil também é uma perda, já que ele era um empreendedor. A paixão dele era o Sarah e ele foi fiel à paixão até o fim”, lembrou.

Valéria Cabral, diretora executiva da Fundação Athos Bulcão, lembrou o afeto que o artista brasileiro tinha com o médico, principalmente depois que descobriu ter mal de Parkinson e passou a ser tratado no Sarah, em 1991. “Dr. Campos sempre foi muito generoso e correto com o Athos. Muito cuidadoso também. Quando ele se sentia mal, ia imediatamente para o Sarah e sempre foi muito bem tratado lá”, lembrou Valéria, que frequenta o hospital desde os tempos em que ele era muito menos reconhecido e imponente. “Lembro que ele era um hospital pequeno, simples, mas desde sempre com muita qualidade, gente muito interessada em atender e cuidar.”

Colaborou Carolina Samorano

» Depoimento

Saudade e gratidão

Trabalhei no Hospital Sarah por cerca de 10 anos, a maior parte deles no Laboratório de Anatomia Humana. Realizava ilustrações médicas, para uso em atividades didáticas, congressos e publicações. Quem me indicou como desenhista ao dr. Campos da Paz foi o saudoso e grande artista Athos Bulcão. Dr. Campos dizia que “o hospital é para o paciente, não para o funcionário”. Essa frase explica o rigor e a disciplina a que os empregados do hospital devem se submeter. Trabalhando com arte, também precisei encarar a rotina e a dureza da atividade, lidando com peças anatômicas, cadáveres. Foram muitos momentos difíceis. Lembro, com gratidão, a atenção pessoal e o apoio de dr. Campos e da dra. Lúcia Willadino Braga, atual diretora da Rede Sarah.

Fernando Lopes,
ilustrador



O CRIADOR DO SARAH/ Nascido no Rio, Aloysio Campos da Paz chegou em 1959 a Brasília. Conviveu com “figuras notáveis”, como Darcy Ribeiro e Lucio Costa. Foi o primeiro ortopedista da capital e transformou o hospital em referência

O homem

» DIEGO AMORIM

Aloysio Campos da Paz Júnior nasceu em 9 de novembro de 1934, no Rio de Janeiro, em uma família de médicos consagrados, com larga tradição na capital fluminense. Formou-se pela então Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e começou carreira no pronto-socorro do Posto Lido, em Copacabana.

Pisou no Planalto Central, pela primeira vez, em 1959, acompanhado da mulher, a bibliotecária do Senado Federal Elisita Campos, com quem teve três filhos: Isabela, Aloysio e Priscila. Como ele mesmo dizia, teve a oportunidade de conhecer e conviver com “figuras notáveis”, como o filósofo Leandro Konder, o sociólogo Florestan Fernandes, o antropólogo Darcy Ribeiro e o urbanista Lucio Costa.

O casal mudou-se do Rio para o cerrado ainda durante a implantação da nova capital. O primeiro emprego do ortopedista em Brasília foi em uma espécie de hospital de campanha. Em uma estrutura improvisada, ele atendia dezenas de operários que, contava, se acidentavam naquele gigantesco parque de obras e eram ali despejados.

Atuação

Campos da Paz preparou-se para atuar em ortopedia infantil, mas logo se viu obrigado a ampliar o campo de atuação. Como primeiro ortopedista a chegar à cidade, integrou a equipe médica inicial do Hospital Distrital de Brasília, atual Hospital de Base do Distrito Federal (HDBDF).

A mudança para a capital federal foi uma aventura. O médico e a mulher queriam ter a oportunidade de se realizar não apenas pelo nome e pela fama da família. O avô de Campos da Paz, o também médico Manoel Venâncio

Campos da Paz, ajudou a fundar a Aliança Libertadora Nacional (ALN), em 1935.

Aos 26 anos, com pouco tempo de Brasília, o ortopedista decidiu estudar na Grã-Bretanha. Percorreu 16 cidades inglesas em busca do conhecimento que lhe garantiu o título de pós-graduado em ortopedia e reabilitação pela Universidade de Oxford. Mais tarde, ainda concluiria o doutorado em ortopedia e traumatologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

No início da década de 1960, assumiu o Hospital Sarah Kubitschek, um centro de reabilitação motora fundado pela ex-primeira-dama. Começava uma história de sucesso que transformaria o Sarah em uma rede de referência internacional na medicina e palco do entusiasmo de jovens egressos das universidades brasileiras.

Com tecnologia de ponta e médicos trabalhando em tempo integral e dedicação exclusiva, o projeto Sarah virou um produto brasileiro tipo exportação, espalhando-se por Belém, Belo Horizonte, Fortaleza, Macapá, Rio de Janeiro, Salvador e São Luís, cujas unidades foram desenhadas pelo arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé.

Campos da Paz exerceu a presidência da Associação da Fundação das Pioneiras Sociais, cargo nomeado pelo general João Baptista de Oliveira Figueiredo. O presidente Fernando Collor de Melo o nomeou membro do Conselho Nacional de Saúde entre 1991 e 1992. Integrou, ainda, várias sociedades internacionais e escreveu inúmeros artigos científicos.

Nos últimos anos, ocupava a função de cirurgia-chefe da Rede Sarah e dedicava-se à produção de livros. Publicou três: *Remando contra a maré* (uma reunião de artigos médicos); *Tratando doentes e não doenças* (um tratado humanista sobre o tratamento dos pacientes); e *Percorrendo memórias* (uma biografia acompanhada do relato da história do Sarah). Outros quatro estavam no forno.

Fotos: Sarah Letras/Divulgação

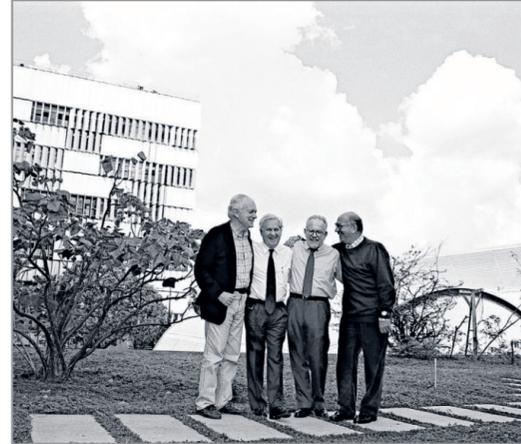


Boa relação com políticos e jornalistas: com Darcy Ribeiro, em pé, Maria da Conceição Tavares e Luís Gutemberg na enfermaria do Sarah

Arquivo Pessoal/Reprodução

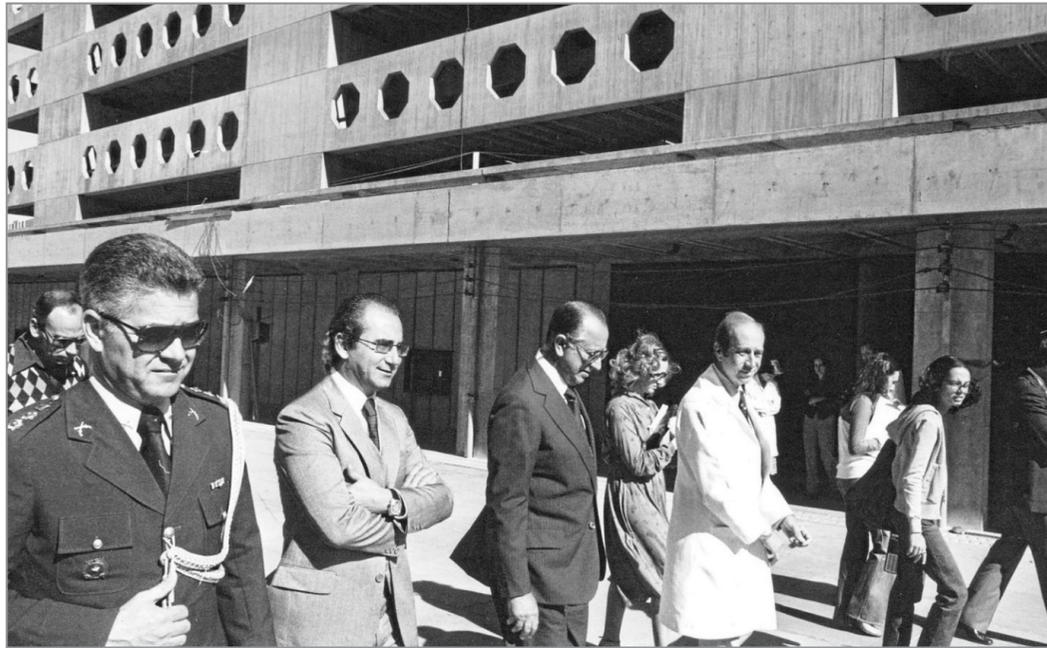


João Filgueiras, o Lelé, com os amigos Campos da Paz e Darcy Ribeiro

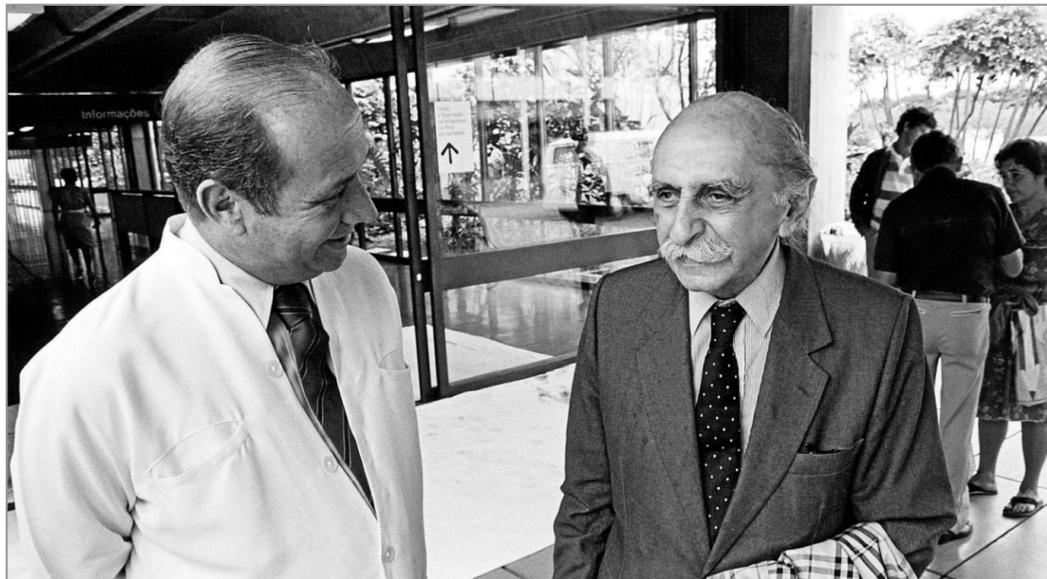


Com Leonardo Konder, Letácio Jansen Jr. e Luiz Garcia no Sarah

Lourdes Calvo/CB/D.A Press



O presidente João Figueiredo, ao lado de Campos da Paz, em visita oficial ao centro de reabilitação do hospital, em 1980



Em frente à entrada principal do Sarah, o médico conversa com o idealizador de Brasília, o urbanista Lucio Costa

A obra

» NAIARA LEMOS
ESPECIAL PARA O CORREIO

Inspirado por um doutorado que fez em Oxford, Aloysio Campos da Paz retornou a Brasília em 1968 para dirigir um centro hospitalar que havia sido inaugurado por Juscelino Kubitschek no primeiro dia de vida da capital federal. Doze anos depois, ele viu o projeto ambicioso que havia escrito sair do papel. E, de lá para cá, assistiu à transformação de milhares de histórias. Presenciou e protagonizou a ascensão da maior rede de neuroreabilitação do Brasil.

Referência em medicina ortopédica e politraumas, a Rede Sarah conta hoje com nove unidades espalhadas pelo país, que recebem quase 2 milhões de pessoas por ano.

Embora cada filial tenha sua particularidade — uma é mais voltada para a prática de esportes e integração com a natureza, enquanto outra se dedica ao tratamento infantil de paralisia cerebral, por exemplo —, todas servem de porta-voz para o método revolucionário desenvolvido por Campos da Paz e a equipe dele.

Em 2005, eles apostaram na incorporação da família e na análise do contexto social de cada indivíduo para estimular o neurodesenvolvimento do paciente. Seja ele um músico — como Herbert Vianna ou Marcus Menna —, um jogador de futebol consagrado — a exemplo de Romário —, seja um novo atleta paralímpico — como Iranildo Espindola, campeão brasileiro e sulamericano de tênis de mesa, que chegou ao Sarah sem conseguir segurar uma raquete.

Exportação

Histórias de todo tipo e de todos os cantos do Brasil passaram pelas mãos dos médicos, que trabalham em regime de tempo integral. Pouco a pouco, caso a caso, o método Sarah foi implantado internacionalmente e adotado em diversos países, entre

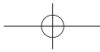
eles os Estados Unidos. Ortopedia, neurocirurgia, oncologia, cirurgia plástica reparadora e neuroreabilitação em lesão medular são algumas das especialidades.

A rede hospitalar nasceu da convergência de três instituições: a Fundação das Pioneiras Sociais, o Instituto Nacional de Medicina do Aparelho Locomotor e o Hospital Sarah Kubitschek — hoje apelidado de Sarinhah e desenhado por Oscar Niemeyer na década de 1960.

Os projetos de arquitetura exclusivos e a infraestrutura, idealizada por Campos da Paz e Lúcia Willadino Braga, continuam chamando a atenção. Jardins e varandas fazem companhia a ambientes amplos meticulosamente adaptados. Os pacientes da Lago Norte contam com piscinas, quadras de esporte, biblioteca e salas de aula. Já a unidade da Asa Sul é a única do país a oferecer um teatro apto para espectadores em macas e cadeiras de roda, além da capacidade para 500 pessoas.

O legado de Campos da Paz abrange também um centro de treinamentos e pesquisas com colaboração internacional; um polo de desenvolvimento tecnológico para a elaboração de próteses e aparelhos que facilitam a locomoção; e um Programa de Educação e Prevenção de Acidentes, que leva palestras a estudantes de escolas públicas e privadas.

Em 2012, o Sarah foi parar nas telas de cinema da França. *Caminhos da leitura*, de Jean Pierre Gibrat, traz Lúcia Willadino Braga, neurocientista e presidente da rede, explicando como as áreas do cérebro são ativadas à medida que uma pessoa aprende a ler. No documentário, Gibrat retrata a engrenagem de neurônios que é elaborar ou entender um texto. Mostra que, em silêncio, o olho percorre letras e espaços em um exercício contínuo de precisão cognitiva. E como a todo tempo conhecemos, nos adaptamos e nos identificamos às ideias, obras e histórias de vida mais complexas.



Aloysio Campos da Paz acreditava, antes de tudo, no potencial do ser humano. Com essa crença, criou a Rede Sarah e a transformou em referência mundial de reabilitação

Zuleika de Souza/CB/D.A Press



O doutor da esperança

» DIEGO AMORIM
» CRISTINE GENTIL

Morreu na tarde de ontem, aos 80 anos, Aloysio Campos da Paz Júnior, fundador da Rede Sarah de Hospitais — um projeto que nasceu em Brasília e se transformou em referência mundial na medicina. O ortopedista, que ocupava o cargo de cirurgião-chefe da instituição, estava com a saúde fragilizada. A morte, por insuficiência respiratória, foi registrada às 14h30, segundo a diretoria.

Campos da Paz teve um “mal-estar respiratório agudo” enquanto trabalhava na unidade Centro da rede de reabilitação, na Asa Sul. A instituição informou que “todas as medidas médicas cabíveis foram tomadas”. O velório ocorre a partir das 10h, no hall do teatro Sarah, na Asa Sul. Até o fechamento desta edição, não havia informações sobre sepultamento, previsto também para hoje, na capital federal.

Para políticos, pioneiros, profissionais da área médica e amigos, o Brasil não se despede apenas do criador da Rede Sarah, que transitava entre políticos para viabilizar no Congresso um eficiente projeto de gestão ao mesmo

tempo em que lidava com as dores dos pacientes. O adeus é para um grande humanista.

“Alguém com domínio da técnica sem uma visão humanista torna-se uma pessoa perigosa”, disse, certa vez, em entrevista ao *Correio*. Lúcia Willadino Braga, diretora da Rede Sarah, que conviveu com dr. Campos da Paz por quase quatro décadas, reafirma: “Ele marcou a história da saúde no Brasil, provou que dá para fazer medicina pública no país com qualidade, com humanismo. Tivemos uma relação de muita troca intelectual, apesar de termos personalidades muito diferentes. Negociávamos tudo”.

Amante dos livros, das artes, da história e da fotografia, dr. Campos adorava tocar trompete, velejar no Lago Paranoá e estar com os amigos. Foi muito próximo de grandes nomes da história de Brasília, como Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Athos Bulcão e Darcy Ribeiro. Na área médica, tinha uma ideia fixa: reabilitar o ser humano, tratá-lo integralmente. Apostava no potencial do indivíduo para melhorar a sua qualidade de vida, mesmo diante de graves sequelas. Com

fé nesse pensamento, foi mestre da competente equipe que conduziu Herbert Vianna ao palco e Joãozinho Trinta à avenida, só para citar alguns ilustres pacientes, uma minoria entre as milhares de pessoas tratadas diariamente nas unidades da Rede Sarah.

O ortopedista carioca chegou a Brasília ainda quando a cidade estava sendo construída. Fez parte do time de médicos pioneiros que ajudou a construir a rede de saúde local. Mais tarde, tornou-se um crítico do corporativismo e da falta de dedicação exclusiva dos profissionais do Sistema Único de Saúde, uma grande ideia, que, para ele, foi desvirtuada.

O *Diário Oficial do Distrito Federal* publica hoje decreto de luto oficial de três dias em honra à vida e à obra de Campos da Paz. Ele deixa a mulher, Elsieta, três filhos e quatro netos. A notícia da morte provocou grande repercussão entre autoridades, pacientes e funcionários da Rede Sarah. Em nota, a presidente Dilma Rousseff (PT) considerou que o Brasil e a medicina são devedores da dedicação e da determinação do médico.

» Homenagem

“A Diretoria da Rede Sarah expressa neste momento admiração, respeito e carinho pelo fundador da Instituição, Dr. Aloysio Campos da Paz Júnior. Ao longo de mais de 50 anos de trabalho e dedicação ao projeto da Rede Sarah, aprendemos com ele a superar e a vencer os desafios, na luta constante pela qualidade de saúde pública no País. Agora, o compromisso de todos nós, que estivemos ao seu lado, é lutar pela continuidade do seu legado, consolidando os princípios que fundamentaram a construção da Rede Sarah.”

» Nota da Rede Sarah

“Uma pessoa sem visão humanista torna-se perigosa”

